

O perigo Milei

By [Eduardo Vasco](#)

Global Research, January 15, 2025

Em novembro do ano passado, a revista The Economist deu início a uma operação propagandística com o objetivo de apresentar Javier Milei ao mundo – em especial aos latinos e sul-americanos – como um herói do povo argentino. Foram uma entrevista especial, um artigo de opinião do punho do presidente argentino e três podcasts em seu site louvando o “milagre econômico” causado por sua terapia neoliberal. Pouco depois, a publicação dos banqueiros britânicos inseriu a Argentina no top 5 de “países do ano”, entre os que supostamente mais melhoraram. “Pode ganhar nosso prêmio pela reforma econômica” – anunciou a revista –, que “deu resultado: a inflação e os custos dos empréstimos caíram, e a economia começou a crescer novamente no terceiro semestre”.

Todos esses elogios talvez sejam porque Milei está entregando o ouro para os banqueiros britânicos (literalmente). Ele já retirou US\$ 1 bilhão em reservas de ouro do Banco Central (estimadas em US\$ 4,6 bilhões) para enviá-las à Inglaterra. Calcula-se que 60% das reservas argentinas de ouro tiveram Londres como destino nos últimos anos. Nunca é demais lembrar que a Argentina mantém até hoje um contencioso com a Inglaterra pelas Ilhas Malvinas, território argentino ocupado pelos britânicos que gerou a mais recente guerra aberta com uma potência estrangeira na América do Sul.

Mas a revista não disse nada sobre o aumento assombroso da pobreza, da miséria e da fome. Em seis meses de governo Milei, [53% dos argentinos já eram considerados pobres](#) (o pior índice em mais de 20 anos). Para fins de comparação, em [meados de 2022 esse índice era de 36,5%](#) e em [meados de 2023 era de 40%](#). Dois terços dos menores de 14 anos são pobres, enquanto 18% da população vive hoje na indigência. Os aposentados na pobreza passaram de 17,2% para 30,8% nos primeiros seis meses de gestão Milei, de acordo com pesquisadores acadêmicos – que afirmam ainda que a [pobreza afeta até mesmo os trabalhadores plenamente empregados](#), em 38%. Antes os aposentados e os empregados formais “gozavam de certo tipo de proteção diante da pobreza”, dizem os pesquisadores. “Agora estão vendo piorar suas condições de vida e se veem atingidos pela pobreza.”

Um estudo publicado em agosto pelo Centro Estratégico Latino-americano de Geopolítica (Celag), porém, constatou que o índice real de argentinos vivendo na pobreza é [maior que 73%](#).

A taxa de desemprego era de 5,7% no terceiro trimestre de 2023. Um ano depois, já sob Milei, ela [cresceu para 6,9%](#) – tendo alcançado [7,7% no primeiro trimestre](#) de 2024. Mas os índices enganam. Também aumentou o percentual de empregados procurando mais um emprego (+2%), subempregados (+1%) e o de subempregados procurando trabalho (+1,3%).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INDEC), os salários tiveram um aumento de 172% em [outubro de 2024](#), em comparação com o mesmo mês do ano anterior.

Porém, a inflação foi de [193% em outubro](#) no acumulado dos 12 meses anteriores. Uma perda real de 21% no poder aquisitivo dos trabalhadores. Nos oito primeiros meses de governo, Milei reduziu em mais de $\frac{1}{3}$ os subsídios para a conta de energia elétrica e em mais de $\frac{1}{4}$ os subsídios para o transporte e os programas sociais. Portanto, encarecendo esses serviços.

Todos os dias, centenas de argentinos enfrentam filas enormes para cruzar a fronteira com o Brasil para poder comprar produtos básicos à metade do preço. “Somos de classe média e sempre vivemos bem, mas agora ficou complicado”, disse uma senhora à [reportagem do canal C5N](#), nos limites com Foz do Iguaçu. “Na Argentina está impossível, não dá nem para comprar bife”, afirmou um homem. As pessoas vêm ao Brasil comprar frutas, verduras, frango, carne bovina e até mesmo arroz e feijão. “Um quilo de arroz na Argentina vale o mesmo que três quilos de arroz no Brasil”, declarou outra mulher. Quando o repórter perguntou desde quando ela enfrenta essa situação, seu marido respondeu: “desde que Milei entrou.”

Trata-se de uma política de terra arrasada. Segundo o INDEC, o índice de produção industrial manufatureira é negativo e [caiu mais de 10%](#) entre janeiro e novembro de 2024 comparado com o mesmo período de 2023. A área da construção teve uma [redução ainda mais assustadora](#): 23,6% em um ano, enquanto o setor metalúrgico diminuiu 12% entre meados de 2023 e meados de 2024 – com uma queda de 17% na produção de maquinário e outros 17% na fundição. Em um [evento com industriais](#), o governador de Buenos Aires, Axel Kiciloff, disse que a capacidade instalada da indústria “está na metade”.

Milei está entregando a economia argentina para o capital estrangeiro – particularmente o imperialismo. Na semana passada, ele privatizou a Impsa, uma das mais importantes companhias do país, com quase 700 funcionários que participam em projetos-chave nos setores hidrelétrico, nuclear, petrolífero, gasífero e eólico. Quem comprou a empresa foi a estadunidense ARC Energy, de propriedade de financiadores da campanha de Donald Trump.

O novo ocupante da Casa Branca, por sua parte, é um defensor do protecionismo da indústria norte-americana e quer os Estados Unidos “grandes novamente”. Milei também tem se mostrado um protetor das empresas dos EUA e que quer ver os EUA tão grandes que ocupem a Argentina, ao que parece. Outro exemplo é a concessão da Hidrovía Paraná-Paraguay, administrada em conjunto por uma empresa belga e outra argentina até 2021, quando passou para as mãos do Estado. Milei abriu uma nova concessão no final do ano e retirou a possibilidade dos chineses vencerem a licitação (sendo os favoritos para tal) ao impedir que ela fique em mãos de empresas estatais. A rota é responsável por 80% das exportações da Argentina e um ativo geopolítico estratégico para os Estados Unidos, que já está bem posicionado naquela zona através da DEA – e também no Ushuaia, graças ao estabelecimento de uma [“base naval conjunta”](#) anunciada por Milei após reunião com o Comando Sul dos EUA na Patagônia em abril.

Já no noroeste do país, encontra-se um dos principais locais de extração de lítio. A Argentina tem uma das maiores reservas (20% do total global) e é uma das principais produtoras de lítio do mundo. Elon Musk, financiador e agora membro extra-oficial do governo Trump, também se tornou amigo de Milei e já tem planos para a extração da riqueza tão preciosa para os carros elétricos da Tesla. Em 2022 já era sabido que ele estava investindo na Argentina, e queria [dobrar o volume da extração](#) nos anos seguintes. Um pouco antes, ele havia revelado que apoiara o golpe de 2019 contra Evo Morales na Bolívia, e que não

pararia por ali: “vamos dar golpe em quem quisermos.”

O outsider Milei conquistou o apoio da burguesia argentina e internacional e se elegeu no final de 2023 (quando nos EUA ainda governava Joe Biden), e chegou a convidar Musk para sua posse. Depois, [em um programa de TV](#), afirmou que Musk lhe dissera que estava “extremamente interessado no lítio” argentino, bem como “o governo dos EUA e muitas outras empresas” americanas. “Mas precisam de um marco jurídico que respeite os direitos de propriedade”, acrescentou. Logo, indicou que modificaria as leis argentinas para garantir os interesses dos americanos. Foi o que fez em seguida. E ainda mencionou a privatização dos serviços de internet para favorecer a Starlink: “desregulação dos serviços de internet por satélite para permitir a entrada de empresas como a Starlink”, disse em rede nacional, ao anunciar o Decreto de Necessidade e Urgência (DNU), parte das reformas de choque neoliberal.

Alguns meses depois, [Milei visitou Musk](#) em uma fábrica da Tesla no Texas e declarou: “é um grande prazer para mim. É incrível. Obrigado por tudo o que você faz pelo mundo.” “A química que houve na reunião é muito difícil de descrever. Era como se tivessem se juntado duas almas gêmeas”, descreveu o embaixador da Argentina em Washington. “Foi como amor à primeira vista”, completou.

Admirador da ditadura e aspirante a Pinochet

A devastação econômica e social é acompanhada de um fechamento do regime. [Uma “coincidência”](#) fez com que, logo após a vitória eleitoral de Milei, uma onda de violência criminosa tomasse conta de parte do país, em especial na região de Rosario, a terceira maior cidade da Argentina. O novo presidente se aproveitou da situação para aumentar exponencialmente o poder repressivo do Estado. Patricia Bullrich, ministra da Segurança Pública, invocou a lei antiterrorismo e enviou centenas de agentes das forças federais.

Ainda no início de 2024, outra onda de violência ocorreu no Equador e no Peru. Nos dois casos, Bullrich anunciou a intenção de enviar forças argentinas para ajudar na repressão nesses dois países: “estamos dispostos a ajudá-los e a enviar forças de segurança se necessário.”

Já em agosto, Milei revelou que seu governo modificaria a Lei de Segurança do país para permitir às Forças Armadas exercerem também o papel de polícia sem a necessidade de que haja um estado de sítio. Para justificar a decisão, ele evocou um tipo de discurso muito utilizado durante a ditadura militar: a do inimigo interno, que seria uma força subversiva agindo conforme orientações externas (naquele caso, a esquerda). “Os conflitos entre exércitos regulares tornam-se menos frequentes e certos Estados tecem vínculos com organizações narco[traficantes], terroristas e do crime organizado local” – afirmou –, portanto “é imperativo que repensemos esses velhos paradigmas”.

Mesmo antes de chegar à Casa Rosada, o economista de extrema-direita já era conhecido por ser um defensor da última ditadura militar argentina (1976-1983), principalmente em relação às violações de direitos humanos. Sua vice, Victoria Villarruel, é filha de um militar condenado por crimes contra a humanidade durante aquela ditadura. Quando assumiu, iniciou o desmonte de todos os órgãos de direitos humanos e de memória das vítimas e dos crimes da ditadura. Já demitiu metade dos funcionários do Centro Cultural Haroldo Conti e 1/3 dos trabalhadores do Arquivo Nacional da Memória – ambos funcionam nas instalações da antiga Escola de Mecânica da Armada (Esma), o maior símbolo das torturas e execuções da

ditadura, onde cerca de 4.800 (96%) dos 5.000 presos que por lá passaram foram assassinados.

Assim como fizeram os militares, Milei também iniciou seu governo reprimindo manifestações populares, impondo multas e sanções contra quem se manifestasse contra o governo, proibindo que servidores públicos participem de greves, sindicatos e partidos políticos, promovendo e facilitando demissões em massa e o fim da mais mínima estabilidade no emprego. [Um em cada três protestos](#) realizados na capital e na província de Buenos Aires (onde vivem mais de 40% dos argentinos e se realiza a maioria das manifestações) sofreram repressão policial, de acordo com levantamento da Comissão Provincial pela Memória. Em junho, 33 pessoas foram detidas em um protesto contra uma das medidas de Milei e muitas delas foram acusadas judicialmente por terrorismo, tentativa de golpe de Estado e sedição.

Essa política repressiva, como durante boa parte do século anterior, está intrinsecamente articulada com os Estados Unidos, que atuam dentro dos órgãos de segurança argentinos com permissão do próprio presidente. Em meados do ano passado, por intermédio da embaixada americana em Buenos Aires, foi designado como assessor de segurança cibernética para as forças armadas e outros órgãos Gustavo Víctor Santiago, que já era [assessor de segurança cibernética do governo dos Estados Unidos](#). Trata-se de um programa de cooperação e “assistência técnica” dada por Washington, explicou a embaixada.

No âmbito continental, além de se dispor a intervir militarmente no Equador e no Peru, Milei tem interferido sistematicamente nos assuntos internos da Venezuela, particularmente desde as eleições presidenciais do meio do ano passado. Em agosto, o presidente Nicolás Maduro acusou o regime argentino de financiar ataques cibernéticos contra o seu país. Atualmente, Milei tem dado suporte ao opositor Edmundo González, que tenta dar um golpe na Venezuela, além de abrigar conspiradores em sua embaixada e apoiar sanções econômicas e todo o tipo de ataques contra Caracas. Com o Brasil, Milei rebaixou as relações diplomáticas para o menor nível, costuma atacar verbalmente o presidente Lula e tomou o lado de Musk no caso STF vs. X. Também chamou de autogolpe o [putsch contra Luis Arce](#) na Bolívia e acusou Gustavo Petro de terrorista e López Obrador de ignorante, em ataques gratuitos contra vários governos de esquerda da região. E, claro, o mais importante: recusou a entrada da Argentina nos BRICS, quando ela já havia até limpado os pés no tapete da entrada.

Os passos dados na política externa mostram que Milei não quer se limitar a destruir somente o seu próprio país. Petro, o presidente colombiano, foi quem melhor adivinhou os objetivos de Milei: “creio que Milei busca destruir, ou ao menos adiar, o projeto da integração latino-americana”, disse ele, ao ser acusado de terrorista. De fato, Milei é a [ponta de lança do golpismo neoliberal e de extrema-direita promovido pelo imperialismo americano na América Latina](#). Ele está sendo orientado diretamente pelos Estados Unidos – o novo secretário de Estado, o cubano-americano anticomunista Marco Rubio, já declarou que pretende formar uma aliança de governos liderados pelos EUA para combater os governos de esquerda e também a influência russa e chinesa na região.

Rubio terá um parceiro extremamente alinhado com suas visões no Comando Sul. No dia seguinte à eleição de Trump, o almirante Alvin Holsey tomou posse como novo chefe do organismo militar dos EUA. Em seu discurso de posse, ele disse que Rússia e China (“nossos adversários”) “estabeleceram uma forte presença, colocando em risco a estabilidade da

segurança em toda a América”. Segundo Holsey, Moscou e Pequim são “concorrentes” de Washington que buscam “minar a democracia enquanto ganham poder e influência na região”. Lloyd Austin, secretário de Defesa de Joe Biden, esteve presente na cerimônia e disse que a China quer expandir sua “influência maligna” na América Latina, repetindo o tom de Laura Richardson, que foi substituída por Holsey, segundo o qual há no continente uma “luta entre democracia e autocracia”.

A Argentina é o segundo principal país da América Latina e sempre disputou com o Brasil a liderança regional na América do Sul. Agora, está sendo usada pelos EUA, através de Milei, para ajudá-los a assegurar a retomada da região em um momento de acirramento das tensões políticas, econômicas e militares a nível mundial, quando os rivais dos EUA (China e Rússia) conseguem se defender em suas fronteiras e expandem sua influência para o “quintal” de Washington, e quando o imperialismo americano demonstra fragilidades até na África. É fundamental para os EUA, portanto, garantir um estrito controle das Américas, como já pregava James Monroe. E esse controle precisa provê-lo com os recursos naturais necessários para a sua indústria e economia, como o lítio, o petróleo, o gás, a água, o cobre e as abundantes riquezas que o continente oferece.

Contudo, para uma exploração intensiva das Américas é preciso uma política tão draconiana quanto a adotada por Augusto Pinochet nos anos 70 e 80 no Chile: terapia de choque neoliberal mesclada com uma ditadura repressiva cruel, para neutralizar qualquer oposição que configure um obstáculo à sua política em um momento tão urgente de crises e instabilidade em sua dominação. Com isso em conta, a única equiparação possível com a devastação econômica, social e humana de Milei não é sequer a última ditadura Argentina, mas sim o pinochetismo. Há, porém, um agravante: o laboratório não será apenas um país, mas sim todo um continente. Assim, todos esses aspectos indicam que Milei é o governante mais nocivo para os povos latino-americanos em toda a nossa história, principalmente se ele conseguir cumprir a missão que lhe foi confiada.

A mesma imprensa que ataca Venezuela, Cuba e Nicarágua tece enormes elogios a Milei. A brasileira, porta-voz do “mercado” (banqueiros e especuladores estrangeiros), promoveu uma campanha terrorista de pressão para que Lula fizesse um duro ajuste fiscal. Como o ajuste não saiu como queriam, a campanha permanece e se apresenta o “milagre argentino” como contraponto da “irresponsabilidade fiscal” lulista, indicando que os banqueiros e a sua imprensa gostariam de um equivalente de Milei como candidato a presidente do Brasil em 2026. Esse apoio evidencia a hipocrisia de sua pretensa defesa da democracia e dos direitos humanos, e mostra como esse discurso não é incompatível com o apoio a um governo neoliberal de extrema-direita (outros exemplos são a Ucrânia, Israel e a Síria pós-Assad). As oligarquias latino-americanas deverão buscar esse caminho por todo o continente, com o apoio do próprio Milei e do imperialismo americano por trás dele.

Eduardo Vasco

Imagem : © FT montage; Getty Images/Dreamstime, [Financial Times](#)

*

Eduardo Vasco é jornalista especializado em política internacional, correspondente de guerra e autor dos livros-reportagem “O povo esquecido: uma história de genocídio e resistência no Donbass” e “Bloqueio: a guerra silenciosa contra Cuba”.

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Eduardo Vasco](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca